



Conversatório 2: Avanços e retrocessos na construção da agroecologia feminista e antirracista.

Laeticia Medeiros Jalil é feminista, mãe de Inácio, Professora de sociologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, com ênfase em sociologia rural, gênero, feminismo e agroecologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local POSMEX/UFRPE. Doutora pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade CPDA/UFRRJ. Coordenadora do Núcleo JUREMA: Agroecologia, Feminismos e Ruralidades da UFRPE. Coordenadora do GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia ANA e da Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste.

“Início minha fala pedindo permissão as mulheres que me antecederam, construíram e constroem a luta das mulheres em nosso grande continente, Abi Ayala ou La Patria Grande ou América. Salve Berta Cárceres, Salve Dandara dos Palmares, Salve Comandanta Ramona Zapata, Lélia Gonzalez, Salve Margarida Alves, Salve Vanete Almeida, las abuelas, las madres, as nossas mães de santo e as indígenas e mulheres de terreiro, salva a jurema sagrada. Salve todas as mulheres que resistem, lutam e constroem o bem viver.

A agroecologia, compreendida como ciência, movimento e prática Siliprandi (2009), Iridiane Seibert (2019), se apresenta como uma possibilidade de reorganizar os processos produtivos (agrícolas e pecuários), a distribuição de alimentos e de ampliar os olhares sobre o ato de se alimentar e alimentar aos demais. Também é percebida como um novo paradigma para pensar o desenvolvimento, levando em consideração a diversidade de sujeitos (humanos e não humanos) diretamente envolvidos nesse processo, como mulheres, juventudes, povos e comunidade tradicionais, povos originários, os animais e a Natureza.

Outra questão são os sentidos e significados que os diversos sujeitos conferem a estas práticas, à sua relação com a terra, com os alimentos, as relações de reciprocidade e solidariedade, a interação com o sagrado/divino, e aqui o território como espaço de vida (humana e não

humana), as distintas trajetórias/história e vivências, e com as práticas de cuidados e a reprodução da Vida.

Nos perguntamos, quais são as convergências, e ou divergências entre os feminismos e a agroecologia? Um primeiro exercício coletivo entre nós, que também é um princípio, é o questionamento a hierarquização dos saberes. O reconhecimento e a afirmação de que ***o que sabemos é importante, e que todo o conhecimento é de ordens distintas de saberes, e todo ele, tem valor e é fundamental para a vida.***

Todo conhecimento, seja acadêmico ou empírico; seja das práticas cotidianas ou científico/tecnicista é vivenciado nos corpos e nos sentidos mais tênues de nós mulheres. Todos eles são indispensáveis para a reprodução da vida, e esse exercício feminista, de nos enxergar como iguais, porém distintas, possibilita a construção coletiva do conhecimento ou a construção do conhecimento coletivo, como um processo social e político transgressor, antipatriarcal, feminista, anticapitalista e antirracista.

Como ***feministas agroecólogas*** (acadêmicas, estudantes, professoras, pesquisadoras, camponesas, indígenas, jovens), nos colocamos a questionar o lugar das mulheres ¹ neste processo transgressor.

Questionamos não a agroecologia como prática em si, mas a ideia normativa do que *venha a ser, ou do que dever ser* ditada por homens quase sempre brancos na disputa por conceitos e categorias científicas, e que, historicamente, deixa de fora essa complexidade de questões e de sujeitos. Para o movimento feminista, o questionamento a essa normativa surge da exclusão histórica e do questionamento a essa ciência branca, colonizada, patriarcal e machista.

A teoria crítica feminista fortalece a luta das mulheres enquanto sujeito político de direitos, que se materializa pelo direito à fala, a terra, à água, ao território, no acesso às políticas públicas, à participação e no processo de empoderamento, na luta por autonomia, na construção de outras formas de economias, pelas relações de solidariedade, reciprocidade, pela prática do cuidado e amorosidade, espiritualidade, no reconhecimento dos bens comuns como indispensáveis à vida, a natureza como nossa mãe e irmã, aos saberes descolonizados e ecológicos e a luta contra todas as formas de violências.

Essa é uma lente de abordagem teórica no questionamento à ciência androcêntrica, patriarcal e cartesiana, mas também de ação política no reconhecimento das mulheres como construtoras

¹ Não estou me referindo a um “sujeito universal” Mulher e sim Mulheres desde suas especificidades, e as interseccionalidades que marcam nossas trajetórias, como as questões de classe, raça, etnia, idade, sexualidade e práticas sociais diversas. Mulheres aqui é uma categoria política e identitária, somos mulheres que dialogam a partir dos feminismos.

de conhecimento e portadoras de saberes, que nos leva a repensar questões e construir instrumentos metodológicos que deem conta desta proposta e dialogue com as distintas realidades.

Desta forma, algumas questões surgem, desde os feminismos e diálogo com outras cosmovisões, tais como onde estão as mulheres na agroecologia? Qual o papel das mulheres diversas que somos, na construção da agroecologia?

A experiência² é parte deste aprendizado coletivo, que considera a aposta no processo, mais do que nos produtos. Acreditamos que todo conhecimento é situado, como nos ensina Donna Haraway (1995) e marca nossos corpos e mentes, em um período histórico, moldando nossas trajetórias e sendo moldado por nossas lutas, resistências e reinvenções.

Precisamos construir juntas caminhos e “sanderos”. Precisamos ser firmes e teimosas. Teimosas e loucas. Loucas e divertidas. Sim, reafirmar a alegria de ser e existir em nossa diversidade. Alegria da descoberta, dos questionamentos, da chegada do novo. O novo que se aproxima de forma inevitável. Consegues sentir? Estamos aqui, falando sobre ele, pensando juntas e vivenciando-o.

O fluxo da vida é contínuo e aponta para novos olhares, outros horizontes e a ampliação do pensamento. O arcaico, o patriarcal, o conservador, os reacionários reagem e estamos sentindo a contra reação em diversas escalas da nossa vida: na política, na economia, na cultura, na ciência. Esse movimento raivoso e violento avança sobre nossos corpos e nossos territórios, destruindo, matando, envenenando. Mas somos terra, barro, lama, raiz. Somos as netas das mulheres que eram netas de outras, que netas de outras ...

Precisamos seguir juntas. Não somos inimigas e sim irmãs;

Precisamos compartilhar, pois conhecimento é para ser dividido, trocado e não guardado em teses, dissertações, nas prateleiras ou periódicos e revistas especializadas;

Precisamos dialogar e escutar outras vozes, fortalecer outras narrativas (indígenas, quilombolas, povos originários, anciãs, jovens). Fazer e experimentar o novo, com novas perguntas, novos olhares, pois a ciência se faz nas trocas e com diálogo de saberes e amor; precisamos testar, tentar e não ter medo de errar; O processo vale mais que os produtos;

² Aqui trazemos o sentido da experiência como um exercício cotidiano em fazer, colocar em prática; experimentar, provar, testar. Se permitir fazer e errar, sentir, tentar fazer o novo a partir de novas práticas de pesquisa, de relações sociais. Essa deve ser nossa aposta. Se temos novas perguntas, temos que fazer de novas formas, por isso experimentar.

Precisamos compartilhar os saberes, mas como mulheres feministas e agroecólogas, precisamos reaprender a aprender, para ensinar e continuar a lutar. Todo conhecimento, todo fazer e saber é importante quando leva a emancipação, autonomia e liberdade.

Viva o 8 de março, viva as mulheres que lutam.

Viva as mulheres na agroecologia! ”

Assista o vídeo do através do QRCode Conversatório 2 Mulheres e as tecnologias na agroecologia:

